

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JULHO/2008 - ANO XII - Nº 138

Fotos arquivo Pro-Memória

EDITORIAL

No próximo dia 05 de outubro estaremos escolhendo, por meio do voto, os prefeitos e os vereadores que, por quatro anos, administrarão nossas cidades.

As eleições municipais fazem parte de um processo democrático que vem sendo aprimorado nos últimos anos. Não podemos, no entanto, pensar em democracia só porque de tempos em tempos vamos até às urnas e votamos. Será que é democrático um país onde o voto não muda a situação de injustiças? Muitas vezes, o voto tem aparência de democracia, mas, na realidade, não é um exercício efetivo de cidadania para todos. Apesar disso, o importante é que todos, sem exceção, votem, e votem conscientemente. Só através do voto é que aprimoraremos nossa sociedade. O Brasil é um dos países mais desiguais do mundo. As oportunidades não ocorrem para todos. Para mudarmos essa vergonhosa situação, precisamos melhorar nossos representantes nas diferentes esferas do poder. Para tanto, faz-se necessário conhecer os candidatos e sua capacidade de trabalho. No período que antecede as eleições municipais os candidatos difundem idéias parecidas. Diferem muito pouco no discurso, e os que já sentiram o gostinho do poder se armam de maneira a se perpetuar no cargo, prometendo, num segundo mandato, realizar o que deveriam ter feito e não fizeram.

Hoje, mais do que nunca, a sociedade cobra transparência das administrações públicas. No entanto, assistimos em muitas localidades o Executivo cooptando o Legislativo que, corrompido, deixa de fiscalizá-lo. Permite-se, assim, que obras essenciais para a comunidade como saúde e educação deixem de ser priorizadas. O que a sociedade espera dos candidatos é que, se eleitos, exerçam seus mandatos primando pela moralidade e transparência, combatendo o nepotismo e a corrupção. Grande parte da população desconhece o papel do prefeito e dos vereadores. Muitos têm idéia equivocada de clientelismo e favores individuais como prática normal da política, que se troca por voto. Para mudarmos essa situação é preciso o engajamento da sociedade num trabalho de esclarecimento pelo voto consciente.



O exercício da cidadania com a busca dos direitos fundamentais, de maneira a tornar as cidades ecologicamente equilibradas e socialmente mais justas, é um sonho acalentado pelos piquetenses. Mas a cidade ideal, por todos sonhada, somente será construída com união e participação.

A cidade dos sonhos

Desencantado com o país em que vivia, Thomas Morus inventou a palavra “Utopia”, que aparece em seu livro, datado de 1516, “sobre a excelente organização de uma nova República e sobre a Ilha Utopia, onde o regime político-social era perfeito.” O irreverente François Rabelais divulgou o termo em francês, “Utopie”, que significa o “não-lugar”. Isso inspirou Tommaso Campanella a criar a “Cidade do Sol”, por volta de 1623, em que atacava o sistema político de seu tempo e pregava uma justa distribuição da riqueza.

Mais tarde, o filósofo inglês Francis Bacon criou um país ideal, a “Nova Atlantis”, baseando seus sonhos no poder das ciências, que resolveriam os males políticos e sociais. Sobre o “Eldorado” todo o mundo já ouviu falar. A propósito, sonhadores existiram em todos os tempos e nem os tiranos mais cruéis conseguiram destruir esta fábrica de sonhos que palpita dentro de toda criatura humana.

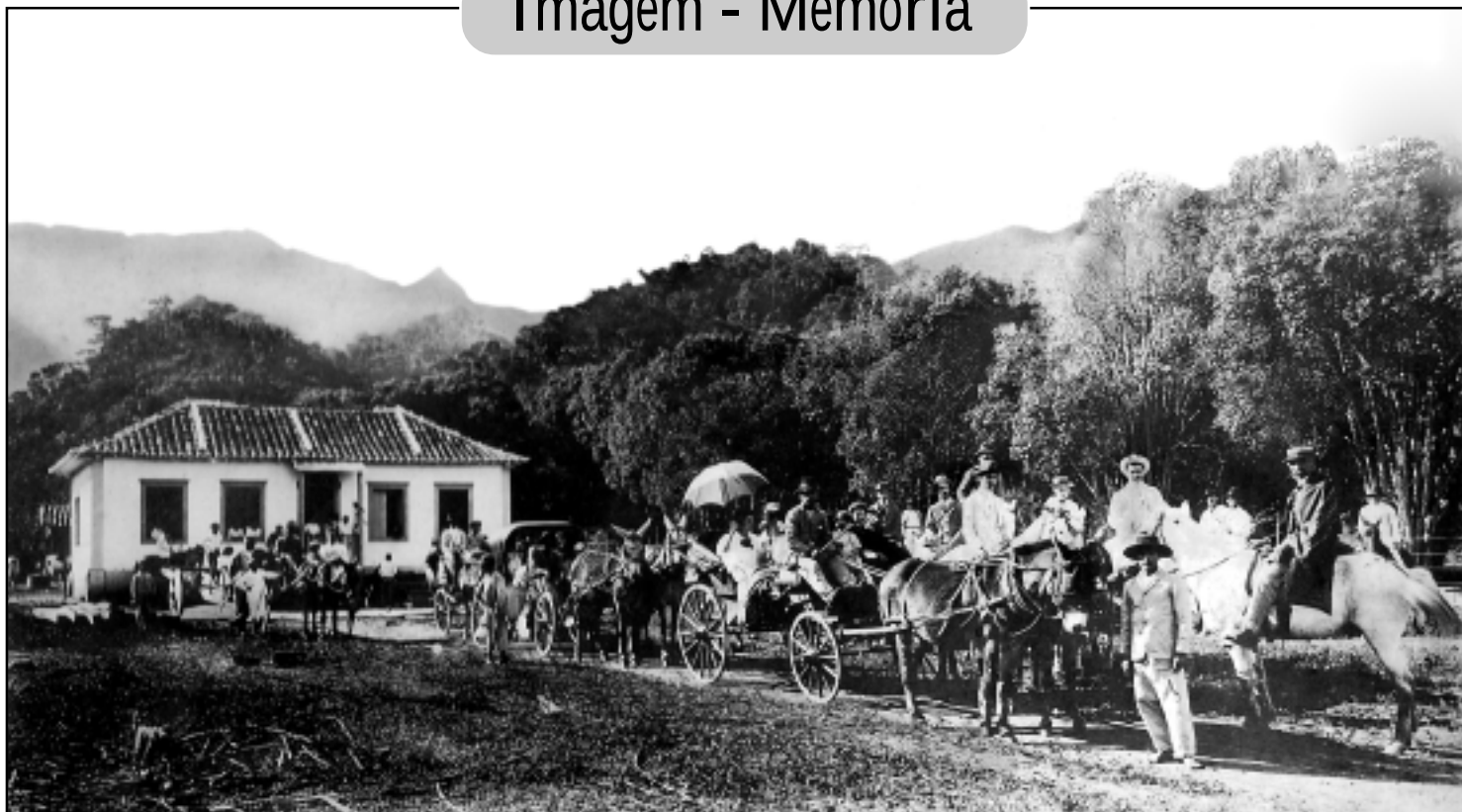
Piquete também é a Utopia da maioria de seus moradores. É uma pena que muitos, orgulhosos da cidade, encham o peito quando a ela se referem, mas não movem uma palha sequer para contribuir com seu crescimento e desenvolvimento tornando-a mais humana e fraterna. Pelo contrário, podendo rapinar seu patrimônio, assim o

fazem. A cidade carece de elementos essenciais à sua população: educação e saúde, bem como a geração de emprego, são direitos fundamentais prometidos por sucessivos dirigentes, mas não atendidos.

Num ano de eleição, é surpreendente a desfaçatez com que muitos candidatos, proclamando-se arautos do bem comum, se alvoram num discurso desprovido de seriedade e compromisso, que se esgota em si mesmo. O que se espera, realmente, dos candidatos é um histórico de ações em prol da moralidade pública e empenho pela solução dos problemas do município.

Hoje, em todo o mundo, arquitetos e ambientalistas, baseados no conhecimento, buscam planejar as cidades do futuro. O sonho de todos é que elas sejam 100% sustentáveis, com elevado índice de qualidade de vida e com o nostálgico apelo de retorno às origens, preservando e resgatando seu passado histórico, sua cultura e tradições. Nessas cidades, o verde é sempre mais valorizado pela administração pública. O exercício da cidadania com a busca dos direitos fundamentais, de maneira a torná-las ecologicamente equilibradas e socialmente mais justas, é a Utopia desejada. A cidade ideal, por todos sonhada, somente será construída com união e participação de todos.

Imagem - Memória



No início do século 20, eram comuns os passeios promovidos pelos proprietários do Hotel das Palmeiras às fazendas da região, onde os hóspedes podiam se banhar em cachoeiras e piscinas naturais. As antigas fazendas de café com seus pomares eram um atrativo à parte. Na foto, de agosto de 1908, grupo em visita à Fazenda Itabaquara, do Major Carlos Ribeiro da Silva, filho do Cel. José Mariano.

Um passeio ao Itabaquara

A residência do Cel. José Mariano Ribeiro da Silva foi, por muitos anos, o centro político e social de Piquete. Pensão e, depois, Hotel Santa Cruz, nela foram articulados, ainda no século 19, a construção da capela de São Miguel, sua elevação à freguesia e paróquia, e o processo que resultou na emancipação político-administrativa de Piquete. Nos dizeres do geógrafo Theodoro Sampaio, que nele se hospedou em 1893, quando se dirigia a São Francisco dos Campos do Jordão, José Mariano era “a alma criadora do lugar”. O Hotel passou por inúmeras reformas ao longo do tempo. Construção simples, sem grandes luxos, mas acolhedor. Após o plantio de algumas palmeiras em sua frente, por volta de 1880, tornou-se conhecido como Hotel das Palmeiras. Periodicamente, os proprietários promoviam festas para receber amigos e familiares. Muitas foram memoráveis, como a da emancipação político-administrativa de Piquete, em junho de 1891; a da visita dos Ministros da Guerra, Marechal Mallet, em 1902, e Marechal Argollo, em 1904; a da inauguração do Ramal Férreo, em 1906; a do término das obras de construção da fábrica, em 1907, e a da sua inauguração, em março de 1909.

O Hotel era o centro social de Piquete. Com a instalação das comissões construtoras do Ramal Férreo e da Fábrica de Pólvoras, o movimento cresceu. Famílias de militares e operários se deslocavam do Rio de Janeiro, curiosos por conhecer o local pitoresco descrito em cartas pelos que aqui se encontravam. A inauguração do Ramal Férreo facilitou a chegada dos

hóspedes. Vinham pessoas de Lorena e região para se deliciar com a paisagem e os ares da Mantiqueira, e conhecer as obras militares. Muitos se hospedavam por semanas. Esse movimento turístico levou à construção de um novo hotel e pensões. A família Ribeiro da Silva esmerava-se no cuidado com o hotel e nos detalhes com que recebia os convidados. Das festas promovidas participavam os hóspedes e convidados. Casamentos, aniversários, festas religiosas e outras comemorações eram pretextos para que o coronel José Mariano organizasse recepções. Instalados nos inúmeros aposentos, todos recebiam tratamento cortês e permanente dos proprietários e criados da casa, saindo ora a passeio nos arredores, ora a cavalo por sítios próximos ou distantes. À noite, havia os saraus de música e de canto. Dona Maria Eufrazia e Lili Couto, filha e neta de José Mariano, esmeravam-se ao piano. Muitas vezes acompanhadas por músicos locais ou visitantes, como o maestro Bonfiglio de Oliveira, contratado pelo proprietário para organizar a Euterpe Piquetense. Muitos músicos militares eram presenças habituais nesses saraus. Os banquetes eram lautos, com inúmeros criados a servir. Quanto aos pratos, da variedade perdia-se a conta: desde o leitão assado à carne bovina e aves, desde o cozido aos pratos simples, numa dieta que ia da culinária francesa até o convencional caseiro, de influência africana, preparada por crioulas e mulatas, numa profusão de sabores e aromas que agradavam a todos. Por essa época, havia em Piquete exímias quituteiras e doceiras que preparavam sobremesas como nin-

guém: quindins, papo-de-anjo, ambrosia, pastéis-de-nata e bem-casados, além de licores variados.

Eram comuns os passeios promovidos às fazendas da região, onde os hóspedes podiam se banhar em cachoeiras e piscinas naturais. As antigas fazendas de café com seus pomares eram um atrativo à parte, principalmente para quem vinha das grandes cidades. Os proprietários do hotel preparavam cestas com quitandas para serem degustadas na viagem, em paradas especialmente escolhidas pela beleza da paisagem. Era um deleite para os olhos. As fazendas Fortaleza, do Ronco, do Itabaquara, Santa Izabel, de familiares dos Ribeiro da Silva, faziam parte do roteiro. No cair da tarde, retornavam ao Hotel das Palmeiras, onde José Mariano os recebia com saborosas canjas.

Após a morte do proprietário, em 1917, sua filha, Maria Eufrazia, ficou à frente dos negócios.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem:

1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Áurea Braga

Espirituosa e bem humorada apesar da acentuada perda da audição, Áurea Braga é exemplo de mulher forte, batalhadora, de fé inquebrantável. Todos pensam que ela seja piquetense; no entanto, não o é: nasceu em Água Limpa, lugarejo de Itajubá/ MG, em 31 de julho de 1916. É uma entre os nove filhos do casal José de Braga Filho e Olívia de Souza Braga.

Áurea cresceu num sítio, de onde o pai, produtor rural, trazia mercadorias para comercializar nas praças de Piquete e Lorena. “Papai subia e descia a Mantiqueira, semanalmente, com uma tropa de mulas.” Um dia, cansado das arriscadas e cansativas viagens no lombo de mulas, José Braga adquiriu terras no Itabaquara, bem na raiz da serra, para onde a família se mudou. Continuou a plantar e cultivar lavouras de café, feijão, milho, arroz, além de criar gado leiteiro e ovelhas, cuja lã, tosqueada por dona Olívia, era enviada a Minas para confecção de cobertores. Também produziam queijo e refinavam açúcar. “As tulhas estavam sempre abarrotadas e nossa mesa e despensa eram fartas...”. Áurea e as irmãs Lila e Maria ajudavam nos trabalhos da casa – eram exímias cozinheiras e quituteiras. Cuidavam da imensa horta e não davam descanso para o forno. Eram, também, as responsáveis pelo café e refeições dos empregados das roças do pai.

Em Piquete, a família morou na Raia e, por muitos anos, num casarão na rua Lindolfo da Costa Manso, no antigo caminho do Itabaquara. “Quando aqui cheguei, tinha pouco mais de quatorze anos; apesar de mineira, sinto-me paulista”. Fica clara a paixão pela terra que a acolheu. Em Piquete, “as pessoas são amigas e hospitaleiras... Nem senti quando vim pra cá...”. Cita, então, amigas da vida inteira: Mariquinha do Chico Máximo, as irmãs Jansen, Gena Ecklund, Iracema e Laurinha Silva... Essas e várias outras, cujos laços de amizade manteve, conheceu nos primeiros anos de Piquete.

Áurea recorda-se da tranquilidade do “Piquete antigo”, dos bailes, quermesses e festas que freqüentava com as irmãs, da figura austera do pai e da religiosidade da



família. Em sua casa, num lugar de destaque, mantém uma imensa imagem do Sagrado Coração de Jesus. Conta que, quando da aquisição dessa imagem, houve uma cerimônia de entronização, com bênção solene. A partir de então, todas as noites, a família se reunia para rezar o terço junto à imagem. Áurea Braga fez parte da Irmandade do Apostolado da Oração.

Áurea Braga sempre foi mulher do trabalho. Na década de 40, durante a administração Luiz Vieira Soares, foi nomeada por portaria para exercer interinamente o cargo de professora da Escola Mista Municipal do Bairro do Cantagalo, que desempenhou com responsável assiduidade. Nos anos 50, passou a trabalhar no Hospital da FPV. Recorda-se com carinho da dedicação e do profissionalismo do corpo clínico, da enfermagem e, principalmente, das irmãs salesianas. Tornou-se amiga de todos, mas nutria admiração especial pelas Irmãs Ema Tomazella e Clara Romeiro. Boa parte de suas memórias refere-se ao trabalho na Radiologia do Hospital, onde trabalhou até se aposentar.

Áurea e suas irmãs Maria e Lila Braga não se casaram, mas criaram três sobrinhos. Aos 92 anos, alega que a memória está prejudicada. No entanto, com olhos brilhantes e um sorriso que ilumina, contou-nos histórias que cobrem mais de sete décadas de Piquete. A dificuldade de audição não lhe prejudica a comunicação, cuidada pela sobrinha Alessandra Jofre Simas, que faz questão de citar como filha, já que está com ela desde os três meses. Áurea Braga é memória viva de Piquete, de um passado que faz questão de não se esquecer.

À esquerda, sentados, os pais de Áurea Braga, por ocasião do casamento de seu irmão, Hilton Braga.



Fotos arquivo Pro-Memória

Notas

✓ Igreja e Conscientização Política

No dia 05 de junho, no Seminário Santa Teresinha, em São José dos Campos, bispos das cinco dioceses da região se reuniram para refletir sobre as ações evangelizadoras que a Igreja Católica pretende adotar até 2010. As diretrizes trazem como proposta uma Igreja mais missionária e atenta ao fortalecimento dos trabalhos sociais e da conscientização política de seus leigos.

O encontro reuniu o arcebispo de Aparecida, Dom Raimundo Damasceno, os bispos de São José dos Campos, Dom Moacir Silva, de Taubaté, Dom Carmo João Rhoden, de Lorena, Dom Benedito Bene, e de Caraguatatuba, Dom Antônio Altieri, além de trezentas pessoas, entre líderes de movimentos e pastorais.

O encontro começou com uma palestra do Bispo de Limeira, Dom Vilson Dias de Oliveira. Por meio de um retrato social, político, econômico e religioso do país, ressaltou a importância dos compromissos social e político da Igreja na formação social e política do cristão.

✓ 1º Foto-Safári de Piquete

Piquete recebeu, no dia 27 de julho, diversos fotógrafos do Vale do Paraíba, que percorreram pontos turísticos da cidade a fim de registrar imagens para o site internacional www.flickr.com.

Participaram também diversos piquetenses, amantes da fotografia, que puderam ouvir a história de cada local visitado por meio das explicações de Dr. Antônio Carlos Monteiro Chaves, médico e historiador, da Fundação Christiano Rosa.

✓ Seminário “Voto Jovem”

O Grupo Natureza Jovem, recém-criado em Piquete, com o objetivo de criar espaços que promovam a troca de experiências, inserindo o jovem nas questões que afetam sua comunidade, estará promovendo, no próximo dia **30 de agosto, das 13h às 18h**, no Salão Prefeito Luiz Vieira Soares, o seminário “Voto Jovem”, que constará da seguinte programação:

13h30min: Apresentação do Grupo

14h: Palestra “Jovem Ontem e Hoje” (Dr. Humberto Felipe)

14h45min: Debate “Qual o sonho do jovem de hoje?” (Bruno Marcato)

15h15min: Palestra “Participação do Jovem na Sociedade” (Prof. Francisco Sodero de Toledo)

16h20min: Palestra “De olho no voto” (Dra. Kátia Margarido Barroso)

17h: “Natureza Jovem” (Grupo Natureza Jovem)

17h40min: Encerramento

Maiores informações:

projetonaturezajovem@gmail.com

Memorial dos Moradores de Piquete - 25

Senhor Getúlio Mariano

Conversar com o senhor Getúlio Mariano é um prazer verdadeiro, por ouvir dele sábias palavras amadurecidas na experiência do bem-viver, em harmonia com os princípios sadios repletos da religiosidade e da partilha.

Casou-se com dona Vitalina, que morreu no ano 2000, com 82 anos de idade. Lembro-me dela, afável e simpática.

O casal tem um filho solteiro, que vive ao lado do pai e o ajuda nos trabalhos domésticos. Havia perguntado ao senhor Getúlio, sendo viúvo, quem para ele cozinhava. Ele respondeu-me: “Eu mesmo. Meu filho ajuda.” Quem faz as compras? perguntei. Ele respondeu: “Eu mesmo.”

Na fala doce e tranqüila, meu entrevistado reflete que está sempre bem com a vida, a pele luminosa e os olhos brilhantes. Admirável lucidez e excelente memória.

Perguntei-lhe se exercia alguma atividade fora do lar. Disse-me em resposta, que é sineiro: cuidadosamente aciona e faz movimentar dois sinos no alto das torres que, atualmente, passam por uma reforma de conservação. Explicou-me o que está sendo executado nas colunas, cujo desgaste do tempo requer cuidados. Explicou-me ainda que ali estão suspensos dois sinos, alinhados um sobre o outro, os quais vi na estrutura vazada de que fazem parte. Estávamos olhando-os da calçada ao lado. Contou-me que um deles viera da matriz antiga, e o outro, da capela desativada do Hospital da F.P.V.

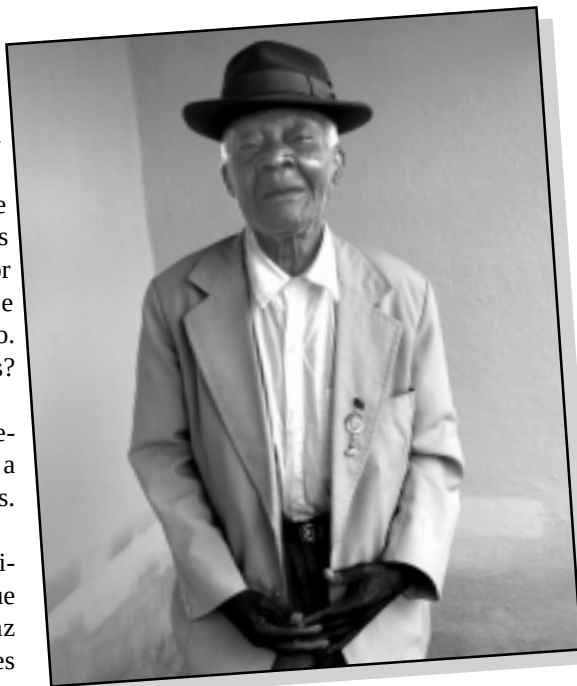
Perguntei-lhe há quanto tempo exerce essa função. Respondeu-me que desde os tempos da velha matriz, quando substituiu Zequinha Meireles, que era sacristão e sineiro. Lembrou-me a pessoa de Zequinha Meireles, pois as pessoas idosas gostam de relembrar o passado, principalmente quando sentem a ressonância de suas palavras nos interlocutores.

Perguntei-lhe, então, sobre seus dados pessoais.

Disse-me que nasceu em São João d’El Rei (Minas Gerais), a 17 de março de 1921, portanto, completando já 87 anos de idade – nossa entrevista deu-se a 4 de fevereiro de 2008. Disse-me, em sequência, como quem se lembra bem devagar do passado, que se mudou criança para Lavras de Furnas, cidade próxima a Belo Horizonte, depois que foi para Três Corações, e de lá, veio para Piquete, aos 23 anos de idade. Chegou solteiro, para trabalhar na Fábrica Presidente Vargas, onde, como servente, e depois pedreiro já especializado, compôs-se no Departamento de Construções e aí trabalhou por 50 anos, após o que se aposentou.

Lembrou-se de uma bela carreira no

setor das construções dos edifícios que, no núcleo urbano, atestam o interesse de uma diretoria por um valorizado projeto social inserido na cidade. Projeto que deu bases à



instalação do estabelecimento fabril bélico do Ministério da Guerra, gestor da idéia, a que está completando o primeiro centenário das instalações iniciais.

Ficasse ele somente na memória afetiva, pois o quadro estava completo, com a garoa fina e contínua, as brumas na serra, o ar de brisa leve e agradável, o tempo poderia correr desafiado em lembranças, ao gosto do Romantismo.

Observei-o procurar postar-se sob uma árvore mais frondosa como proteção da chuva fininha, e ele mostrou-me o guarda-chuva, homem previdente que é, habitante de pé-de-serra, na Vila Célia.

Perguntei-lhe sobre as obras de construção de que participou. Fazendo um giro com a cabeça, coberta por chapéu, apontou-me, já que estávamos na colina da matriz de São Miguel, os edifícios que a diretoria da Fábrica fez construir no entorno da praça Duque de Caxias: o cinema com o clube general Carneiro, o Elefante Branco, antes Grêmio Duque de Caxias, a Escola Normal, antes também chamada Duque de Caxias, hoje Escola de Ensino Fundamental e Médio Leopoldo Marcondes de Moura Neto, a vila operária Duque de Caxias, o Hospital da F.P.V., e tantos outros edifícios de moradia e de funcionamento ligados aos setores sociais do Departamento de Assistência Social, Educacional e Esportiva da Fábrica.

Participou da construção da própria praça Duque de Caxias. Lembramo-nos de como era bonita em sua geometria e estilo, hoje descaracterizada para atender ao popular de massa. A população cresce e a

municipalidade, nos seus limites, procura satisfazer. Lembrei-lhe como é crescente nossa população infantil e jovem. Por sinal, conversávamos em uma segunda-feira de Carnaval. Lembrei-me da avidez com a qual assomam à praça em busca da alegria momesca, articuladas ou não nas passeatas de blocos e escolas de samba. Este não é um assunto do senhor Getúlio – trata-se apenas da derivação justificada que a antes harmônica pracinha tinha com seu entorno bem assentado. Ele olhou-me compassivamente.

Em seguida, o senhor Getúlio mostrou-me, nas proximidades, casa sólida que, segundo suas palavras, levantou.

Enquanto continuava a falar da praça, pois a memória dos velhos é remissiva e reiterante, repetia seu repertório de lembranças.

Parecia que ele estava lá, nos momentos da construção, com a pá, as pedras e os tijolos, colocando-os, a argamassa ligando-os, mais a areia, a cal e o desenho geométrico se completando nas medidas exatas projetadas na prancheta e visualizadas pelos engenheiros e mestres-de-obra. Sob o sol e as chuvas, com o tempo para inaugurar, para servir aos desfiles militares de garbo e glória nos atuais e nos antigos munícipes embevecidos com o lado marcial enfatizado pela banda, e o passo cadenciado dos batalhões. Memória indelével que começa a desmanchar-se no deslocamento das pedras e das muretas dos canteiros. Feliz lembrança dos que aqui têm convivido por tanto tempo e trabalho.

Aos 87 anos, o senhor Getúlio, demonstrando boa saúde e disposição, acrescenta ser dedicado à religião católica, que professa ativamente. Conta-me que é congregado mariano, vicentino, colaborador salesiano e confrade, membro da Confraria de São Miguel, cujo distintivo simbólico leva preso na lapela do paletó. Estava ali, na calçada fronteira à matriz aguardando uma reunião da Confraria.

Vestido de terno completo: calça cáqui, paletó escuro, camisa branca, tudo muito limpo e chapéu na cabeça – meu interlocutor é uma pessoa inesquecível. Nas cerimônias ou nas missas, lá está ele no último banco dos que se encontram lá atrás, ao lado de uma das colunas de sustentação e de uma capela, em geral ocupada por Nossa Senhora Aparecida e apetrechos do culto.

A figura humilde cobre-lhe a grandiosidade da alma, e o espírito luminoso anima-lhe o sorriso e os olhos quando procurado pelos amigos. Estou entre esses.

Entrevista a 4 de fevereiro de 2008.

Dóli de Castro Ferreira

Rememorar é preciso...

Em 1997, o governador Mário Covas instituiu o feriado paulista de 9 de Julho. Esta data é ocasião para se rememorar a Revolução Constitucionalista de 1932, movimento político-militar que despertou na população de São Paulo um arreba-

Jornalista Armando Brussolo chega a Piquete para cobrir a Revolução de 1932



tamento cívico impressionante até então nunca visto no Brasil, por sua fé, entusiasmo, desprendimento e união de todas as camadas da população.

A mobilização do povo e das atividades industriais foi irrepreensível. O Vale do Paraíba foi palco de grandes e sangrentas batalhas que ceifaram a vida de centenas de brasileiros. Piquete teve papel de destaque nesse conflito, não só pelo aspecto estratégico devido à sua localização geográfica, como por sediar a Fábrica de Pólvora sem Fumaça. A população, simpática ao movimento, apoiou desde os primeiros momentos a causa constitucionalista. No vizinho município de Cruzeiro, na região do túnel, na Mantiqueira, os conflitos foram intensos. Em 02 de outubro, naquela cidade, foi assinado o armis-

tício, conhecido como “Protocolo de Cruzeiro”. A partir de então, Cruzeiro tem comemorado, anualmente, essa data. Este ano foi organizado um desfile cívico-militar, no qual Piquete se fez presente, representado por José Maria Paiva, que desfilou com a bandeira do município.

Enquanto todo o estado comemora esta importante data, em Piquete ela passa quase despercebida. É hora de nossas autoridades resgatarem o “9 de Julho”, conferindo-lhe a importância que tem para todos os paulistas. O exemplo de 32 não pode ficar apenas na História; deve ser sempre recordado, sempre reprisado, para que as novas gerações possam, mirando-se no exemplo de 1932, realizar efetivamente a revolução cívica de que o Brasil precisa para o bem de todos os brasileiros.

Perfis

Leda

Existem os que vêm para a vida como detentores de uma mensagem de força – para criar, administrar, convencer e animar.

Energéticos, impõem-se em presenças fortes.

Condutores de energias, como dínamos sociais revelam-se no cotidiano para marcar épocas, modelar espíritos e exemplificar.

Assim se colocava Leda Sparemborg Juliano, educadora, diretora administrativa e supervisora. Dotada de autodeterminação, cultura e informação, preparada para o cargo de liderança no campo educacional, desempenhou, com carisma, suas funções; e marcando seus atos pela força do auto-conhecimento, representou, nos moldes do professor no século XX, a certeza das escolhas. Presença a conceder prestígio no Instituto de Estudos Valeparaibanos, serviu-me como exemplo. Papel bem caracterizado por Maria Luíza Baptista no traçado biográfico de Leda, para deixar marcante a presença.

De Leda, lembro-me das atitudes corajosas e instigantes, cercada pela animação dos grupos em excursão e discussão das idéias. Nas excursões, a atenção bem conduzida a marcar-se nos segmentos das apresentações. Leda fez-me muitas gentilezas – trouxe-me, numa noite, de Lorena para casa, em Piquete, percorrendo por pura simpatia e apoio, os praticamente 40 km somados na ida e volta. Foi no fim de um dia cansativo de excursão ieviana pelo vale histórico.

Agradei-lhe com um cartão, cuja imagem bordada em ponto-cruz e minuciosamente elaborada reproduzia uma paisagem romântica. Tempos mais tarde, Leda convidou-me para um café em sua casa, quando expandi meus contatos com a anfitriã solícita, a qual privilegiou-me com os relatos profissionais, familiares e pessoais. Oportunidade de observar que o

pequeno cartão modesto e bucólico fora enquadrado e colocado na parede de entrada da sala principal. Lá estava ele, harmônico aos belos objetos da sala já plenos de história e memória. Retidos no tempo transcorrido e pautados pelas emoções, testemunhavam os cuidados da dona da casa.

A filha Cláudia e os netos de Leda expandem a personalidade dinâmica de que são possuidores por direito de herança. Excedo-me em admirá-los. De Leda, guardo uma imagem viva e positiva, neles reproduzida como luz, brilho e lucidez.

Lourdes Alves

De repente, partiu nas asas do vento frio chegado da madrugada para a manhã do novo dia que se anunciara. O dia da comemoração da data aniversariante do nascimento.

Encarnada em uma educação formal, nunca se casou, mas rodeou-se de sobrinhos, para registro de um tempo esgotado em seus movimentos, reduzido à mera expressão dos cultores das iluminações serenas nas calmas noites de maio. Mas, sempre lembrado.

Jubilado num tempo que não se renova, pois o modelo que o gerou esvaiu-se, perfumado. E, como nos perfumes, com fragrâncias e fugacidades. Austera na aparência e sensível nos contatos amigos, Lourdes é uma referência da vida do lar em nossa sociedade e da força das famílias no alicerce de um tempo que passava manso, tranqüilo e embalado pelos encontros sociais e religiosos comunitários. Sabia valorizar os concidadãos. Presentifica-se na dinâmica dos eventos. Um elo de afetividade.

Dona Candinha

Centenária, carregou consigo todo o século XX. Registrei uma longa entrevista com ela nas páginas deste nosso ESTAFETA.

Testemunha da história piquetense, deixa um tempo já modificado pelos contatos virtuais, as velocidades e a modernidade massificada em todos os campos da vida social.

Relicário precioso, Dona Candinha (Maria Cândida Alves), matriarca de uma numerosa descendência, foi com “seu” Mário Alves (Marinho) um forte esteio de nossa vida comunitária e social, quando Piquete se organizava em si própria, com trabalho, dignidade e a estimulante presença fabril militar. No dia de Corpus Christi, quando a tradicional procissão se organizava, sem muito mais tradição, já “moderna” em massa popular, Dona Candinha, em seu leito de flores empreendia a longa viagem memorial forte como raiz de boa cepa, para ser sempre lembrada. Uma beleza a Dona Candinha.

Na singela cerimônia do cultivo da memória de Dona Candinha na Matriz velha, nosso mais importante monumento histórico-cultural, chancelava-se um documento de autenticidade de vida exemplar. Naquele edifício nasceu nossa história, pois deu origem à freguesia e depois Vila, no século XIX, o qual o povo ainda não vê com o verdadeiro valor.

Portanto, um marco divisório da história piquetense e de Dona Candinha no coroamento de sua caminhada. Pois, enquanto isso, a festa de Corpus Christi se elaborava na Matriz nova, emblematicamente representada no tapete padronizado estendido nas ruas. Recobria as camadas das antigas folhagens e das sucatas domésticas das criativas representações da natureza conjugada ao sagrado, como se usava nos tempos passados, agora mobilizados pelo novo. Mais um testemunho de que o Piquete do século XX muda-se para o século XXI tipificado e globalizado pelas comunicações.

Dóli de Castro Ferreira

Crônicas Pitorescas

Beijocar, uma alternativa...

Palmyro Masiero

Creio que, questão de um mês, estava num ponto de ônibus, quando reparei, colado ao muro, um cartaz mimeografado. Em cima, com letras grandes desenhadas, de uns três centímetros de altura mais ou menos, estava escrito: “Atenção”. Poderia ser qualquer coisa como cuidado, alerta ou mesmo um comunicado, de forma que achei por bem ler o que continha, que contrastava bastante com o título, pois era escrito a máquina. Logo abaixo do ‘atenção’, lia-se: “Se você tem de 13 a 20 anos, leia com atenção”.

Deveria ter parado por aí mesmo, já que pela idade estabelecida eu estava fora do jogo. Mas... Sabem como é, né... a curiosidade pra que é que existe? Dito isso, continuei tomando conhecimento do assunto. Vinha o chamamento que em rápidas palavras nós vamos lhes dar notícia. Dia o cartaz que, pela primeira vez na cidade, seria instalada uma “Escola Diferente” – e apenas para garotas. Sabem qual a malandragem dos autores? Fundaram “A Escola de Beijos Vila Adyana”! Ainda conta a propaganda com a desfaçatez de anunciar que serão professores de “alto nível de conhecimento sobre o assunto”! Para saírem por aí beijando com “catega”, as alunas ficariam aptas em cinco meses. Em uma coisa, pelo menos, foram ajuizados os dois mestres: estabeleceram número de vagas limitado.

Claro! Imaginem se aparece um batalhão de cocotinhas querendo aprender a oscular dentro do pedido com os dois malandrões “Beck e Jorge”! não haveria beijo que resistisse! E, para finalizar, constava que o curso era inteiramente grátis! Grandíssimos caras-de-pau!

Mas... Taí! A idéia era de gozação – evidente –, embora pudesse esconder algum desejo licencioso, mas até que é boa! Não da escola, que isso é supérfluo, pois creio

que nessa matéria de beijação, a meninada está com A+. Boa é a lembrança para distribuímos mais beijos. É isso aí! Todo mundo se beijando!

O beijo, considero, é a mais expressiva forma de carinho, de alegria, de reconhecimento, de consolo e de amor. Por isso, vamos todos nos beijar. Aqui, na terra de Cabral, se você beija um grande amigo que há muito tempo não vê – no rosto, é claro! –, a turma já malícia: “desmunhecou”, entrou na “gay life”! Nada disso, gente! Não vêm lá pela Europa como os homens se beijam entre si? Apesar de que o beijo daqueles carrancudos lá do Kremlin não seja de muita confiança para o resto da camaradada de lá, vulgo povão daqui, é provável que haja sinceridade. Não viram num programa de televisão o Zico dar um beijo no J. Silvestre? Foi um beijo comovido, de agradecimento pela homenagem que o apresentador lhe prestava. E nem por isso ele se diminuiu; muito pelo contrário.

Existem os vários tipos de beijos: de alegria pelo retorno de uma pessoa querida, masculina ou feminina; de agradecimento por qualquer coisa recebida, não importando o sexo do doador; o de educação nas madames, em sinal de respeito, tradicionalmente nas mãos; de despedida; de amor paterno e filial; o apaixonado, entre um homem e uma mulher (via bucal!); e mais uma infinidade de outras situações em que se poderia beijar sem galho algum. Ainda: podem até ser jogados com as mãos!

Aplaudo a lembrança daqueles dois pilantrinhas do cartaz. Não há necessidade de escola, mas há necessidade premente de trocarmos beijos. Vamos nos tocar mais, para ver se acabamos com essa “desamorasia” (desamor em demasia) que está nos envolvendo.

Pra fim de papo, um beijo!

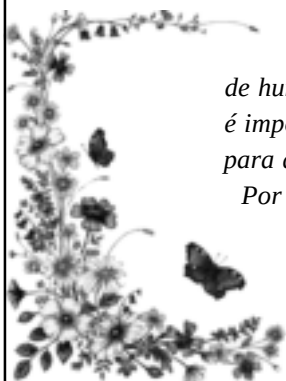
A exceção e a regra

*Pedimos encarecidamente
que vocês não achem natural o que sempre acontece
e o que vocês lêem no jornal todo dia.*

*Neste tempo de confusão sangrenta,
de desordem tão ordenada,
de humanidade desumanizada,
é importante que tudo seja explicado,
para que as coisas não continuem acontecendo...*

*Por favor, estranhem o que normalmente não é estranho,
não aceitem o que já se tornou habitual!
Procurem o remédio! Procurem uma saída!
Procurem uma mudança! E nunca sigam a regra,
pois do jeito que está, está muito mal...*

Berthold Brecht



Lindas tardes de Piquete

Edival da Silva Castro

Em tempos idos, adentrando o bilhar do Zé Serafim, um senhor de meia idade trocava o pano das mesas de bilhar. Por tratar-se de serviço habilidoso, permaneci por ali. Nunca tinha visto uma mesa de bilhar sobre pedra: nua, sem tabelas e caçapas. Enchi-o de perguntas, não sei se atrapalhei ou não, mas matei minha curiosidade e fiquei conhecendo o artesão.

Além de trabalhar com mesas de bilhar, passei a notá-lo andando pelas ruas de bicicleta, transportando cabide com roupas, principalmente ternos. Sempre alegre e comunicativo, por onde passava deixava seu sorriso de otimismo e perseverança. Meus amigos comprovaram sua aptidão como tintureiro, tanto é que, depois de conhecê-lo melhor, virei seu freguês.

Numa noite encalorada, de lua bonita, passava pela Praça da Bandeira quando deparei com um grupo de seresteiros. Lá estava ele no meio, dedilhando com maestria as cordas dum vistoso violão. Aproximei-me, cauteloso, e falei-lhe ao ouvido?

– Que é isso? Essa não é sua praia!

Deu uma rápida passada com o polegar pelas cordas do violão, olhou-me cabeceando afirmativo e disse:

– Eu, além de tocar e cantar, sou violeiro.

– Violeiro?

E dando alguns tapinhas no violão, replicou:

– É. Este foi eu quem fiz.

Falar o quê? Já o admirava pelo seu serviço de artesanato, por ser excelente tintureiro e agora fabricante de instrumentos de cordas. Não me parecia tão versátil, tinha-o como pessoa normal.

Morava em São Paulo quando soube do seu passamento. Lastimei profundamente a perda do amigo. De imediato, lembrei-me das mesas de bilhar desnudas, do seu vaivém de bicicleta entregando roupas e também da roda de seresteiros daquela noite na Praça da Bandeira.

Como tudo passa, o tempo passou.

Outro dia, em Lorena, na residência do AJ da Silva, admirador por excelência da MPB, em conversa informal falei-lhe que era filho de Piquete. Então perguntou-me:

– Você, sendo filho de Piquete, deve ter conhecido o saudoso Sebastião Claudino.

– O Cláudio?!? Tocador e fazedor de violão, trocador de pano de bilhar e tintureiro, claro que conheci.

O amigo foi até a discoteca, pegou um CD no rico acervo do baú velho e pôs para tocá-lo na faixa cinco. A canção preferida fora Lindas Tardes de Piquete. Cantada por Bosquinho, com letra e música de Sebastião Claudino.

Pedi bis. Era sua outra qualidade que desconhecia: poeta.

Acesse, leia e divulgue
o informativo
“O ESTAFETA”
www.fundacaochristianorosa.cjb.net

Que santo milagreiro é esse?

Pe. Fabrício Beckmann

Eu, que sou padre, já vi muitos milagres acontecendo na vida das pessoas de fé. Deveria não mais me surpreender com eles. No entanto, alguns “milagres” ainda me deixam bastante perplexo. No ano passado, quando o Papa Bento XVI visitou o Brasil, a cidade de Aparecida e os demais lugares por onde o Santo Padre passou conheceram um progresso repentino, a ponto de os moradores de Aparecida, ironicamente, elegerem o Santo Padre como o melhor prefeito de todos os tempos daquele município. Fico a me perguntar se as autoridades realizaram todo este progresso, em tão pouco tempo, por amor e devoção ao Santo Padre, ou estavam preocupadas em maquilar e esconder dele e das câmeras de TV do mundo inteiro a pobreza e as verdadeiras condições de vida do nosso povo.

Outro “milagre” que me causa espanto, semelhante ao primeiro, é o rápido surgimento de recursos e a grande quantidade de obras que as prefeituras iniciam no ano eleitoral. Quase todas as cidades de nossa região estão com ruas interditadas para reformas, praças estão sendo recuperadas, vias que historicamente eram esburacadas recebem cobertura de asfalto, calçadas que eram

intransitáveis são aplainadas. Com tudo isso, quase chego a acreditar que a profecia de libertação feita por Isaías, no capítulo 40 de seu livro, dirigida ao povo de Deus, exilado e escravizado na Babilônia, no sexto século antes de Cristo: “Gritem para o povo que acabou o tempo da escravidão, aplainem o caminho do Senhor”, está para se cumprir na vida de nosso povo oprimido. Infelizmente, porém, os caminhos aplainados de nosso tempo não sinalizam que um novo êxodo esteja para acontecer, não apontam à libertação, à autonomia de nosso povo, mas à vergonhosa utilização eleitoral das verbas públicas que manipula, aliena e engana o povo, interferindo decisivamente no processo eleitoral e na consolidação da democracia, favorecendo a manutenção do poder que se constrói com a manutenção da dependência e da vulnerabilidade do povo sem emprego, sem profissão, sem perspectiva. Que se contenta com uma cidade maquiada, como se isso resolvesse seus problemas mais fundamentais, e continua a mendigar favores daqueles que lhe negam seus direitos.

“Evento miraculoso” que também me salta aos olhos é a instantânea conversão, mesmo que momentânea, de alguns políticos. A eleição os torna generosos cristãos, atentos aos mais pobres: vivem, como

ninguém, a virtude da partilha. Velhacos, reconhecidamente desonestos e ilicitamente enriquecidos, transformam-se, hipocritamente, em arautos da honestidade e dos bons costumes. Tornam-se convictos homens de fé, invocando, o tempo todo, o inefável nome de Deus, fazendo da eleição uma santa cruzada. Penso que alguns políticos deveriam ter melhor assessoria religiosa. Qualquer criança cristã que freqüente a catequese ou a escola dominical sabe perfeitamente que não se deve usar em vão o nome santo de Deus. Não é cristã esta utilização indevida de algo tão sagrado.

Diante de tantos fatos extraordinários, rezo para que nas cidades de nossa região o nosso povo, que é tão religioso, se torne descrente de tais “milagres”, não se deixe iludir, mas eleja, neste pleito eleitoral que se aproxima, candidatos que apresentem uma prática social, lutem pela justiça, defendam a vida humana em todos os seus estágios e não compactuem com a corrupção. Homens e mulheres que tenham qualidades como honestidade, competência, transparência, vontade de servir ao bem comum, comprovadas por seu histórico de vida. Que minhas preces sejam atendidas.

Preservação e política ambiental

Uma das mais belas paisagens vale-paraibanas encontra-se no município de Piquete, cuja geografia montanhosa, revestida por cobertura vegetal atlântica, cria diferentes cenários. No entanto, quando vista de perto, constata-se que muitas áreas estão degradadas, necessitando de uma ação especial no sentido de recuperá-la e preservá-la.

Os agravos ambientais no município são decorrentes da falta de política ambiental e, principalmente, do descumprimento da legislação vigente. A não fiscalização ostensiva e a certeza de impunidade fazem com que Piquete perca parte desse patrimônio. A proteção da biodiversidade é uma das questões mais importantes a ser encarada com seriedade por nossas autoridades.

Incorporada à nossa Constituição, a necessidade de proteger a vida foi reafirmada na “Convenção sobre Diversidade Biológica” e o único tratado internacional firmado pela esmagadora maioria dos países que participaram da Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente e desenvolvimento, também conhecida Rio 92. Proteger a vida não é somente uma premissa ética, mas uma necessidade essencial do ser humano. O homem depende da diversidade de animais, plantas e microorganismos para a produção de alimentos e medicamentos e para seu prazer estético. Essa diversidade é fundamental, também, para a estabilidade climática e ambiental do planeta. Hoje restam, em todo país, apenas 8% da mata atlântica, bioma

dos mais ricos em biodiversidade do mundo. Daí a responsabilidade de todos em preservá-la. A tarefa não é fácil. Exige empenho da sociedade.

Aproximam-se as eleições municipais, a serem realizadas em outubro. É preciso que o eleitor cobre dos candidatos engajamento quanto à questão ambiental. Sem políticas apropriadas voltadas para a conservação dos fragmentos florestais, plantio e recuperação de encostas e matas ciliares, corremos o risco de perder o maior patrimônio do município. São necessários, portanto com urgência, esforços direcionados para o único bioma do país que hoje se encontra na iminência de total extinção: a Mata Atlântica.

Fotos Laurentino G. Dias Jr.



A Revolução Cívica de 1932

Julho de 1932. Eclode em São Paulo uma revolta contra o governo de Getúlio Vargas. Tropas federais são enviadas para conter a rebelião. As forças paulistas lutam contra o exército durante 3 meses. Esse episódio ficou conhecido como Revolução Constitucionalista de 1932 e é uma página marcante da história de São Paulo.

Em outubro de 1930, uma revolução derrubou o governo dos grandes latifundiários de Minas Gerais e São Paulo. Getúlio Vargas assumiu a presidência do Brasil em caráter provisório, mas com amplos poderes. Todas as instituições legislativas foram abolidas, desde o Congresso Nacional até as Câmaras Municipais. Os governadores dos Estados foram depostos. Para suas funções, Vargas nomeou interventores. Repercussão desse movimento em Piquete: exoneraram do cargo de prefeito José Monteiro de Brito, político tradicional, que havia mais de duas décadas vinha se alternando na administração do município. Em seu lugar, tomou posse, em janeiro de 1931, Antônio Pelúcio, fazendeiro no município, indicado pelo Interventor do Estado.

A Revolução de 1930 foi o fim da chamada República Velha. A política centralizadora de Vargas desagradou às oligarquias estaduais, especialmente as de São Paulo. A elite política do Estado economicamente mais importante sentiu-se prejudicada. E os liberais reivindicavam a realização de eleições e o fim do governo provisório. O governo Vargas reconheceu oficialmente os sindicatos dos operários, legalizou o Partido Comunista e apoiou um aumento no salário dos trabalhadores. Estas medidas irritaram ainda mais as elites

paulistas.

Em 1932, uma greve mobilizou 200 mil trabalhadores no Estado. Preocupados, empresários e latifundiários de São Paulo se uniram contra Vargas.

No dia 23 de maio, realizou-se um comício reivindicando nova constituição

para guarnecer a região de fronteira na Mantiqueira, impedindo o avanço das tropas federais vindas de Minas Gerais. A simpatia da população piquetense com a causa paulista foi imediata. Soldados se posicionaram em trincheiras abertas em lugares estratégicos, na Serra e ao longo de estradas vicinais. A população acostumou-se a dormir sob o matraquear das artilharias.

A direção da Fábrica de Pólvora e sua oficialidade, porém, mantiveram-se fiéis ao governo federal. No início de agosto, a Fábrica passou a ser dirigida pelo tenente coronel Felisberto Antônio Fernandes Leal, comandante das tropas constitucionistas.

O avanço das tropas federais, numericamente maiores e fortemente armadas, levou a um recuo dos paulistas. A Fábrica foi abandonada e centenas de operários e suas famílias levados para São Paulo, a fim de conduzir uma

oficina de pólvora transferida para a capital.

Em outubro de 1932, após 3 meses de luta, os paulistas se renderam. Prisões, cassações e deportações se seguiram à capitulação. Os funcionários da Fábrica deslocados para São Paulo foram demitidos. Apesar de desempregados, retornaram a Piquete com o orgulho do dever cumprido. Em dezembro, anistiados, retomaram suas funções. Vencidos na guerra, foram vitoriosos no ideal: em maio de 1933, foram realizadas eleições para a Assembléia Nacional Constituinte.

Na foto, a ponte sobre o rio Paraíba do Sul, em Lorena, dinamitada pelos paulistas em 1932, a fim de atrasar o avanço das tropas federais.



para o Brasil. O comício terminou em conflitos armados. Quatro estudantes morreram: Martins, Miragaia, Drauzio e Camargo. As iniciais de seus nomes formam a sigla MMDC, que se transformou no grande símbolo da revolução. Em 9 de julho, explodiu a revolta. As tropas rebeldes se espalharam pelas cidades de São Paulo e ocuparam as ruas. A imprensa paulista difundiu a causa dos revoltosos. Um grande número de pessoas se alistou para a luta. Quando se iniciou o levante, uma multidão saiu às ruas em seu apoio. Tropas paulistas foram enviadas para “fronts” em todo o estado.

Em Piquete, soldados constitucionistas começaram a chegar, pelo ramal férreo, na manhã de 11 de julho. Vieram

Democracia em Espaço Integral

Abigail Lea da Silva

Os países são como qualquer instituição engendrada pelo homem. Refletem as expectativas de quem os sonha, de quem os planeja, de quem os edifica.

Existem países que são: os Países Ricos (G-8); os Países Árabes – os do petróleo; os Nórdicos – os-de-cada-coisa-em-seu-lugar.

Existem países que estão querendo ser: a China, gigante voraz, que está obrigando muita gente a voltar à prancheta para refazer o desenho das relações internacionais.

E existem os países que levam a marca do vir-a-ser, uma identidade nacional indecisa, uma conquista muitas vezes procrastinada, sempre um lá-depois, nunca um aqui-agora.

No fervor da juventude, enquanto alguns colegas faziam planos para o Brasil Grande, cada vez mais eu me convencia: se não houvesse uma mudança radical no modo de agir dos brasileiros, o Brasil seria sempre uma potência, jamais chegaria ao ato.

Em vez de ficar triste, fico tomada de

estranha curiosidade com os critérios usados para classificar o nosso país – o Brasil Rabeira.

Entre todos os países do mundo, quando o quesito é positivo, o Brasil “só ganha de Y e Z”; quando o tema é negativo, o Brasil “só perde para W e V”.

As estatísticas são singularíssimas. O noticiário nos dá conta de que 80% são das prostitutas de Portugal são brasileiras. Supondo que as demais prostitutas sejam portuguesas, não importa o número, só podemos concluir que as mulheres da “terrinha” são avessas à atividade.

Quando, a partir do final da década de 60, se instalou a Nova Ordem Sexual, se dizia que a prostituição estava com os dias contados. Atualmente, assessorada pelo jogo e pelo tráfico de drogas, se transformou em lavanderia de dinheiro público.

Que foi que restou do Brasil da minha juventude? O Brasil está melhor ou o seu “futuro” se distancia cada vez mais.

Agora eu penso que estamos no caminho certo.

O mundo jamais alcançará a paz

tentando seguir o modelo do G8. Não nos iludamos com o sorriso acolhedor dos ricos.

Temos de crescer com a América Latina e o Caribe; temos de crescer com a África e outros países dos trópicos.

A tática é sempre a mesma: primeiro vão jogar lama na nossa imagem; se, mesmo assim, continuarmos crescendo, vão tentar atrair-nos para o seu clube, para que os ajudemos a esmagar os países menos desenvolvidos.

Os maus brasileiros, os que vivem montados em privilégios, vão tentar desviar a nossa rota.

Só admitamos um caminho: o Voto; uma autoridade: a Lei; uma responsabilidade: a Aplicação da Lei.

O “futuro” já chegou. Continuemos nossa luta no campo e na cidade; nos institutos de pesquisa e nas escolas. Não fuçamos às “rodadas”.

Não se pode admitir meia democracia. Democracia só em tempo integral. Só em espaço integral.

Abaixo Brasil Potência!